

## ASPECTOS MOTIVACIONAIS E EMPODERAMENTO DE ATLETAS ANÕES: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

### *MOTIVATIONAL ASPECTS AND EMPOWERMENT OF DWARF ATHLETES: A QUALITATIVE APPROACH*

Marcelo Villas Boas Junior  
Mateus Fabrício Pallone Manzini  
Vania Hernandez  
Mariana de Freitas Corrêa  
Sérgio Henrique Braz  
Daniela Lopes Angelo  
Ciro Winkler  
Mario Reyes-Bossio  
Regina Brandão  
Graciele Massoli Rodrigues

*Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil*

*Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil*

*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil*

*Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, Santiago do Surco, Lima, Peru*

#### **Resumo**

A Teoria da Autodeterminação aponta sobre o fomento de três necessidades psicológicas: autonomia, boas relações sociais e competência. No esporte, o atendimento a essas necessidades depende do clima motivacional gerado pelo treinador. O objetivo do presente estudo foi investigar como atletas com nanismo percebem o clima motivacional gerado por seus treinadores, a satisfação das necessidades psicológicas básicas e a percepção de empoderamento. Foram entrevistados quatro atletas paralímpicos de atletismo com nanismo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, individuais, com perguntas temáticas. A organização das informações seguiu a análise de discurso. Os atletas relataram percepções positivas de autonomia, enfatizando que a autonomia aumentou sua motivação e a participação voluntária no esporte. A percepção de competência foi avaliada positivamente, com todos os atletas acreditando em sua habilidade esportiva. As boas relações sociais foram destacadas como importantes, embora enfrentassem discriminação fora do esporte. Sobre o clima motivacional, os atletas apontaram práticas de feedback dos técnicos como fundamentais para sua motivação. A percepção de empoderamento foi associada a conceitos de igualdade e apoio familiar, com destaque para a importância do ambiente esportivo e do técnico em promover a motivação e o empoderamento dos atletas. O contexto esportivo positivo e o clima motivacional favorável gerado pelos treinadores contribuíram significativamente para a percepção de autonomia, competência e empoderamento dos atletas com nanismo. Contudo, os desafios sociais fora do esporte ainda afetam suas relações sociais.

**Palavras-chave:** Atividade Motora Adaptada. Motivação. Esporte Adaptado. Nanismo.

### Abstract

The Self-Determination Theory emphasizes the importance of fulfilling three psychological needs: autonomy, positive social relationships, and competence. In sports, addressing these needs depends on the motivational climate created by the coach. This study aimed to investigate how athletes with dwarfism perceive the motivational climate created by their coaches, their satisfaction with basic psychological needs, and their sense of empowerment. Four Paralympic athletes with dwarfism in athletics were interviewed. Data were collected through semi-structured, individual interviews with thematic questions, and organized using discourse analysis. Athletes reported positive perceptions of autonomy, noting that it enhanced their motivation and voluntary participation in sports. Perception of competence was also positively evaluated, with all athletes confident in their sporting abilities. Positive social relationships were highlighted as important, although athletes faced discrimination outside of sports. Regarding the motivational climate, athletes identified coaching feedback practices as crucial for their motivation. The perception of empowerment was linked to concepts of equality and family support, emphasizing the role of the sporting environment and the coach in promoting athletes' motivation and empowerment. The positive sports context and favorable motivational climate created by coaches significantly contributed to the athletes' sense of autonomy, competence, and empowerment. However, social challenges outside of sports still impact their social relationships.

**Keywords:** Adapted Physical Activity. Motivation. Adapted Sport. Dwarfism.

## 1 Introdução

A prática esportiva adaptada é fundamental para o desenvolvimento social, físico e psicológico de pessoas com deficiência, promovendo inclusão, autonomia, autoconfiança e autoestima (Brazuna; Castro, 2001; Gorla *et al.*, 2007; Dorogi; Szabo; Bogner, 2008; Cardoso, 2011; Banack; Sabiston; Bloom, 2011). O esporte é uma ferramenta eficaz para estimular as potencialidades e promover o bem-estar desses indivíduos. O destaque do esporte adaptado começou em 1940 com o trabalho do neurologista inglês Ludwig Guttmann, que iniciou a prática em Stoke Mandeville. Em 1948, os Jogos de Stoke Mandeville foram estabelecidos, sendo considerados o marco inicial das competições adaptadas. Em 1960, os Jogos Paralímpicos foram realizados em Roma, no mesmo local dos Jogos Olímpicos, promovendo maior integração e visibilidade para os atletas com deficiência (Mello; Winckler, 2012).

Em 1989, foi criado o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) para expandir o movimento, e a colaboração com o Comitê Olímpico Internacional (COI) resultou na decisão de realizar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos na mesma cidade a partir de 2001. Na edição dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, participaram 4.000 atletas de 176 países, representando o maior número de participantes em uma competição esportiva adaptada até então. Segundo Oliveira, (2023) e Epiphanyo, Silva, Batista e Aquino (2018), a motivação para superar as dificuldades do cotidiano do atleta com deficiência pode estar fortemente ligada à sua prática esportiva. Samulski (2009) define motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, dependendo da interação de fatores pessoais e ambientais. Já Vallerand (2007) descreve a motivação através de um modelo que inclui forças internas (motivação intrínseca) e forças externas

(motivação extrínseca), que interagem constantemente com o ambiente, resultando em comportamentos motivados e desmotivados. Ainda assim, Ryan e Deci (2017) destacam que a motivação intrínseca e extrínseca formam um continuum, no qual o indivíduo pode expressar desde a ausência de motivação (amotivação) até níveis elevados de motivação intrínseca.

Atualmente, a teoria mais amplamente utilizada para estudar a motivação intrínseca e extrínseca é a Teoria da Autodeterminação (TAD) (Deci; Ryan, 1985a). Esta teoria busca compreender as causas e consequências dos comportamentos autodeterminados, ou seja, como as pessoas agem e se comprometem com suas atividades por vontade própria. Dessa maneira, a autodeterminação está relacionada aos comportamentos, esforços e ações intencionais, permitindo que os indivíduos sejam agentes de suas escolhas em determinadas tarefas, satisfazendo suas necessidades (Deci; Ryan, 1985b; Appel; Wendt; de Lima Argimon, 2010; Wehmeyer *et al.*, 2017).

A TAD é composta por seis miniteorias. No entanto, segundo Ryan e Deci (2017), a teoria das necessidades psicológicas básicas (NPB) é a miniteoria central da TAD. Essa miniteoria se concentra nos pressupostos fundamentais para o desenvolvimento de uma motivação de alta qualidade, ou seja, a motivação intrínseca. A NPB é compreendida por meio das percepções dos indivíduos em relação à sua autonomia, competência e relações sociais (Ryan; Deci, 2017).

A autonomia está vinculada à capacidade do indivíduo de autogovernar-se em suas decisões, expressando suas opiniões e participando ativamente nas escolhas (voz e voto). A competência está relacionada com as percepções de capacidade, eficácia e habilidade para a realização de tarefas. Já a relação social se fundamenta nos vínculos afetivos entre pessoas, grupos e comunidades. Dessa forma, o fortalecimento das três necessidades psicológicas básicas (NPB) pode levar a comportamentos autodeterminados e a maiores percepções de bem-estar e motivação intrínseca (Deci; Ryan, 1985c; Deci; Ryan, 2002; Moreno; Martínez, 2006; Hagger; Chatzisarantis, 2007; Deci; Ryan, 2009; Appel; Wendt; de Lima Argimon, 2010).

Para o desenvolvimento das NPB, é necessário que o contexto ofereça nutrientes adequados (Ryan; Deci, 2017). Nesse sentido, Duda (2013) propõe que os climas motivacionais podem auxiliar no fomento das NPB e podem ser caracterizados como climas de empoderamento (empowering) e desempoderamento (disempowering). O clima de empoderamento é definido como aquele que promove a motivação intrínseca e o prazer pela prática da atividade (positivo), enquanto o clima de desempoderamento incentiva a comparação social, rivalidade e punições (negativo) (Duda, 2013). No contexto esportivo, os treinadores são os principais mediadores dos climas motivacionais para seus atletas (Balaguer *et al.*, 2012; Duda, 2013; Smith *et al.*, 2017; Cantú-Berrueto *et al.*, 2016; Castillo Jiménez *et al.*, 2017; Gutiérrez-García *et al.*, 2019).

O clima motivacional voltado para o desenvolvimento da motivação (empowering) de atletas com deficiência podem ser uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do empoderamento (Pensgaard; Sorensen, 2002). Segundo Sasaki (2010), o empoderamento é um processo em que pessoas e grupos podem exercer seu poder pessoal, isto é, a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo assim o controle sobre suas próprias vidas. Dessa forma, Pensgaard e Sorensen (2002) sugerem que o empoderamento para pessoas com deficiência pode ser desenvolvido por meio de práticas esportivas.

Entre as deficiências presentes no contexto esportivo adaptado, destaque-se o nanismo, por ser uma condição pouco estudada pela ciência esportiva, apesar do interesse manifestado nos anos de 1996 (Low; Knudsen; Sherrill, 1996; Moura, 2015). O nanismo pode ser apresentado de duas formas distintas: proporcionado ou desproporcionado (Winnick, 2004; Shirley; Ain, 2009; Vanlandewijck; Thompson, 2010).

O nanismo proporcionado resulta de alterações no hipotálamo e disfunção da hipófise anterior, causando uma falha completa ou parcial na produção de hormônios responsáveis pelo crescimento, como o GH, TSH e FSH (Low; Knudsen; Sherrill, 1996; Vanlandewijck; Thompson, 2010). Por outro lado, o nanismo desproporcionado pode resultar de displasias ou acondroplasia, que impedem a formação completa dos ossos longos do corpo, acarretando desvios posturais em todo o complexo corporal (Low; Knudsen; Sherrill, 1996; Hunter *et al.*, 1998; Vanlandewijck; Thompson, 2010).

Pessoas com deficiência frequentemente sofrem diversos julgamentos devido às suas características e especificidades (Goffman, 2009). No caso das pessoas com nanismo, existe a percepção comum de que são engraçadas (Moura, 2015). Esse estereótipo pode ser explicado pelas frequentes aparições de pessoas com nanismo em programas humorísticos e artes circenses (Silva, 2010). No entanto, o esporte pode favorecer significativamente a inclusão de pessoas com deficiência no meio social e cultural (Kiuppis, 2018). Para que essa inclusão seja efetiva, é essencial que o meio em que o indivíduo está inserido forneça os subsídios necessários para a prática esportiva. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar as percepções das necessidades psicológicas básicas (NPB), do clima motivacional e do empoderamento em atletas com nanismo na modalidade de atletismo.

## 2 Método

A presente pesquisa trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa. Nas provas de lançamentos e arremessos, bem como nas demais provas pertencentes à modalidade do atletismo adaptado, é exigida a classificação funcional

dos atletas, que determina a classe em que competirão. Para atletas com nanismo, a classe F40 exige uma estatura de  $\leq 1,35\text{m}$  para o sexo masculino e  $\leq 1,25\text{m}$  para o sexo feminino. A classe F41 inclui atletas com estatura de  $\leq 1,45\text{m}$  para o sexo masculino e  $\leq 1,37\text{m}$  para o sexo feminino (IPC, 2017).

## 2.1 Participantes

Participaram desta pesquisa quatro atletas brasileiros, sendo dois da classe funcional F40 e dois da classe funcional F41, de diferentes níveis competitivos. Para manter suas identidades em sigilo, adotamos as identificações A1, A2, A3 e A4.

A1 é uma atleta do sexo feminino, pertencente à classe funcional F41, com 23 anos de idade e oito anos de prática na modalidade. Ela participou de competições como o Mundial de Atletismo na Rússia e a Paralimpíada no Rio de Janeiro.

A2 é um atleta do sexo masculino, da classe funcional F41, com 32 anos de idade e nove anos de prática na modalidade. Ele participou de campeonatos nacionais.

A3 é um atleta do sexo masculino, da classe funcional F40, com 28 anos de idade e catorze anos de prática na modalidade. Ele competiu em campeonatos regionais.

A4 é um atleta do sexo masculino, da classe funcional F40, com 25 anos de idade e dez anos de prática na modalidade. Ele participou de competições como o Open de Atletismo em Lima e os Jogos Pan-Americanos em Lima, Peru.

## 2.2 Instrumentos e Procedimentos

Em relação aos procedimentos da pesquisa, inicialmente foi enviada uma carta convite aos participantes. Após a aceitação dos mesmos, as entrevistas foram realizadas em locais previamente agendados, garantindo que não houvesse interferência de ruídos que pudessem prejudicar a dinâmica da pesquisa. Cada entrevista ocorreu em um único dia, dedicado exclusivamente a um atleta.

O roteiro da entrevista semiestruturada foi elaborado pelos autores, com base nos objetivos do estudo. Foram formuladas seis questões, distribuídas em três eixos temáticos: Necessidades Psicológicas Básicas (NPB), Clima Motivacional e Empoderamento.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Seguiram-se os passos de organização das informações, codificação e categorização, conforme a metodologia de Bardin. Após a transcrição das entrevistas, as informações foram organizadas utilizando o software NVivo Plus, versão 11 para Windows. Em seguida, iniciou-se a fase de codificação das informações coletadas, com a elaboração das unidades de registros e

unidades de contextos de acordo com os eixos temáticos (Bardin, 2011). Por fim, foi realizada a categorização das informações coletadas (Bardin, 2011). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu, sob o registro nº 4.026.423.

### 3 Resultados

Com base na abordagem de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), foram estabelecidas três categorias centrais a partir das informações coletadas, transcritas e analisadas. A primeira categoria emergiu das falas dos atletas sobre suas percepções das Necessidades Psicológicas Básicas (NPB) no contexto esportivo. A segunda categoria refere-se às percepções dos atletas sobre o clima motivacional esportivo e os agentes que influenciam esse ambiente. Por fim, a terceira categoria surgiu das percepções de empoderamento no contexto esportivo.

#### 3.1 Percepção das NPB no contexto esportivo

No que tange aos resultados da categoria “percepção das NPB no contexto esportivo”, os dados foram analisados à luz da mini teoria das Necessidades Psicológicas Básicas, que postula que a satisfação das necessidades de autonomia, competência e relação social é fundamental para o desenvolvimento de uma motivação intrínseca ótima (Ryan; Deci, 2017).

Nesse contexto, os atletas relataram suas percepções de autonomia de formas variadas no esporte, observando-se que um atleta, em particular, não percebe sua autonomia dentro do seu contexto esportivo.

Tem horas que tenho liberdade sim, tem horas que não, depende do período da competição (A1).

Meu técnico me dá liberdade quando eu quero treinar algo que estou me achando fraco (A2).

Eu desejo escolher o que quero fazer naquele momento, mas não consigo ter essa liberdade (A3).

Dentro do esporte sempre gostei de tomar minhas decisões, mas fora do esporte sempre tive pessoas me ajudando, então voz ativa me deixa livre para ter algumas escolhas. Também posso trocar experiências, pois acho que o melhor entretenimento que se pode ter em um atleta é trocar conhecimento, então tendo uma voz ativa sobre algumas atitudes e escolhas perante o que você faz você tem mais liberdade para fazer as coisas, se não será escravo do esporte e não será feliz (A4).

A teoria das Necessidades Psicológicas Básicas também destaca a necessidade de competência, que é crucial para a motivação intrínseca. A competência percebida pelos atletas está relacionada ao sentimento de ser capaz de atender às demandas e expectativas associadas à prática esportiva (Deci; Ryan, 1985a; Hagger; Chatzisarantis 2007; Ryan; Deci, 2017).

Os atletas manifestam suas percepções de competência de diversas formas, incluindo:

Me sinto competente sim, pensando no futuro. Se consegui chegar até aqui, posso ir mais além, todos podem, basta querer, ir (A1).

Me sinto competente para fazer o que eu gosto que é o esporte (A2).

Quando estou em uma competição, por exemplo, é porque eu mereci estar ali. Consequentemente sou competente para isso (A3).

Me sinto muito competente, principalmente por ser muito detalhista eu consigo ser muito competente perante o que faço, pois gosto de fazer tudo da melhor maneira possível (A4).

Por fim, a última necessidade apresentada pela teoria das Necessidades Psicológicas Básicas é a relação social. Esta necessidade está vinculada à criação de vínculos afetivos e ao sentimento de pertencimento a um grupo (Ryan; Deci, 2017).

Os atletas relataram suas percepções sobre a relação social da seguinte forma

Tenho boas relações, às vezes lembramos da infância, para os novos amigos explicamos nossa deficiência, pois eles têm curiosidades e do esporte são todos uma maravilha, pois sempre ajudamos uns aos outros, meus amigos são bem importantes. As vezes digo que não vou treinar e eles mostram preocupação em relação a isso. O jeito de me tratar, o respeito que tem por mim, você já percebe que a relação vai ser boa (A1).

Aonde eu chego o pessoal me cumprimenta, não só os atletas de minha categoria como também outros como os fisioterapeutas lá do centro do CPB, tem também os juizes que conhecemos, além dos técnicos das outras equipes também é uma relação boa. Sempre que precisamos um do outro, estamos ali, brincamos, zoamos, mas nos respeitamos e nos gostando (A2).

As pessoas gostam de conversar comigo e eu gosto de conversar com elas (A3).

Acredito que tenho uma relação muito boa com as pessoas, pois tenho um coração muito aberto, posso ter vinte e cinco anos, mas já sou muito bem vivido pelo que já passei. Uso meu status para trazer outras pessoas ao esporte, tento ser um atleta conselheiro, tento usar minhas redes sociais como um status de mostrar minhas conquistas para trazer outras pessoas, acredito que sem meus status eu não posso espalhar o poder que um para-atleta tem perante essa sociedade. Então uso meu status para o bem e não para meu ego. Mas, lembro de um dia na escola que um dos meninos fez um dos maiores preconceitos comigo, que foi me empurrar da escada e eu quebrei meu braço (A4).

### 3.2 Percepção sobre o Clima Motivacional

Para compreender melhor a motivação dos atletas, investigamos suas percepções sobre o clima motivacional em seus contextos esportivos. No esporte, o clima motivacional social é moldado pelas condutas e comportamentos dos treinadores (Balaguer *et al.*, 2015).

De acordo com Duda (2013), o clima motivacional criado pelo treinador pode ser classificado em duas formas: clima empowering (empoderador) e clima disempowering (desempoderador). Ambos os tipos de clima estão associados às Necessidades Psicológicas Básicas (NPB) e ao bem-estar dos atletas (Balaguer; Castillo; Duda, 2008; Balaguer *et al.*, 2012; Castillo Jiménez *et al.*, 2017; Fenton *et al.*, 2017; Gutiérrez-García *et al.*, 2019; Ruiz *et al.*, 2019).

Os atletas da nossa pesquisa relataram suas percepções sobre o clima motivacional da seguinte forma:

Meu técnico sempre diz coisas para me erguer como: Vamos lá, você consegue, não desiste, já está acabando, bora. Ele está sempre ali. Ele se importa muito, a motivação tem que estar sempre alta para que você possa praticar (A1).

A motivação do técnico e dos meus colegas de equipe é que ali cada um torce pelo outro, se um cara cai, se um atleta cego ou amputado que está correndo ou está fazendo algum arremesso, em geral, estamos ali incentivando na arquibancada. O meu técnico é muito motivado, ele me ajuda muito, se preocupa bastante com a gente e é o cara que faz isso por todos nós (A2).

Meu técnico corrige se estou fazendo algo de errado, me apoia para ter melhores resultados. O técnico sempre esteve comigo, me apoiando mesmo nos piores momentos (A3).

No treino você pode errar, na competição não, então meu treinador sempre me da feedback de onde errei e eu tento pensar nas coisas mais positivas na prova. ele me motiva muito, sou um atleta muito detalhista, então a grande maioria dos meus treinos tem muito stress da minha parte por as vezes não acertar alguns lançamentos, pelo fato de saber onde são meus erros, que um dos fatores que acredito que seja positivo e negativo é o atleta saber onde errou, pois mesmo sabendo onde errou ele comete outro erro e fica bravo, por estar cometendo um erro besta. Meu técnico me incentiva de uma maneira bem íntima, um treinador e um atleta tem que ser mais que profissionais, tem que ser amigos, então quando ele vai me incentivar, ele não me incentiva como treinador, ele me incentiva como amigos (A4).

### 3.3 Percepções de Empoderamento

O esporte para pessoas com deficiência visa não apenas a reabilitação funcional e integrativa, como destacado por Pensgaard e Sørensen (2002), mas também desempenha

um papel crucial no processo de empoderamento (Hutzter; Bar-Eli, 1993). De acordo com Rappaport (1987), o empoderamento pressupõe a crença no poder individual em relação ao envolvimento nas comunidades e ao compromisso com o próprio destino.

Quando questionados sobre como conseguem associar suas vidas esportivas com o empoderamento, os atletas relataram as seguintes percepções:

As pessoas sempre me ajudaram, nunca tive críticas, nem nada... isso me ajuda no empoderamento no esporte (A1).

Às vezes quando não tenho vontade, é normal, mas quando estou em uma pior, tento me motivar acho que isso é empoderamento (A1).

O atleta paraolímpico é fora do comum, ali estamos todos iguais, sem preconceito, sem tristeza. Deixamos tudo lá e voltamos outras pessoas, até as pessoas que são normais e vão lá, ficam espantadas. As pessoas que caem no chão na hora da prova, a arquibancada fica de pé, grita, torce. A pessoa ainda levanta, vai até a linha de chegada e vence, isso é impressionante isso é empoderamento (A2).

Recebi bastante força do pessoal daqui da UNIP, que me adora, tudo que hoje eu tenho foi através do meu esforço e do esporte. Eles precisam de mim, e foi aí que eu me tornei o que sou, sou reconhecido, todos me veem e me respeitam, me cumprimentam, sou conhecido como o GIGANTE, atleta paraolímpico (A2).

Se fico cabisbaixo, eu volto mais forte, com tudo. Se caio no chão, amanhã estou de pé, sacode a poeira e dou a volta por cima, sigo minha vida e mudo o foco, isso me moldou para que eu me tornasse o atleta que sou (A2).

Consgo aprender das minhas derrotas e evitar para que isso não se repita. Se fui desclassificado, em uma próxima vez tentarei não ser desclassificado, para tentar me achar empoderado. O esporte é importante para o empoderamento né (A3).

O empoderamento acontece dentro da própria casa do atleta, quando ele deixa que a família tome o poder de falar ou não o que ele deve fazer (A4).

Ainda que a competição tenha menos importância, sempre coloco aquele empoderamento de que sou um atleta de alto nível, sou merecedor daquilo e que ali não é para qualquer um. Eu me coloco que sou alguém diferenciado, então o empoderamento que tenho sobre mim faz com que eu tenha uma visão diferente, estou ali como um atleta de alto rendimento, algo que só alguns fazem. Acredito que a pessoa tenha que se ver diferenciada, empoderado, e não se ver como só mais um atleta competindo (A4).

Por fim, ao serem questionados sobre os motivos que os levam a praticar e competir em suas modalidades, todos os atletas relataram que o fazem pelo prazer que sentem em estar envolvidos no esporte.

Realizo porque gosto, é igual a se trabalhar por amor (A1).

Eu gosto mesmo do que faço, eu amo, é a minha vida, eu amo esporte. O esporte

para mim é tudo, consegui tudo através do esporte e agradeço a todos os meus colegas, familiares e técnicos (A2).

Faço porque amo isso (A4).

Realizo porque gosto, sempre tive o prazer de estar fazendo essas coisas, como se eu estivesse apaixonado pelo esporte (A3).

#### 4 Discussão

O presente estudo teve como objetivo identificar as percepções de atletas com nanismo sobre suas necessidades psicológicas básicas, o clima motivacional e a relação de empoderamento no contexto esportivo.

Ao analisar as percepções dos atletas em relação à sua autonomia, observamos que três dos atletas relataram percepções positivas nesse aspecto. No contexto esportivo, a percepção de autonomia está relacionada ao aumento da motivação dos atletas, o que, por sua vez, pode corroborar com a participação voluntária no esporte (razões intrínsecas) e com a obtenção de resultados positivos.

Nesse sentido, Balaguer, Castillo e Duda (2008) enfatizam a importância da percepção de autonomia para o desenvolvimento da motivação dos atletas. No entanto, no contexto do esporte adaptado, Banack, Sabiston e Bloom (2011) destacam que a percepção de autonomia está correlacionada com níveis mais elevados de motivação.

Em relação ao atleta que não percebe sua autonomia no contexto esportivo, essa limitação pode ser atribuída a situações que o ambiente esportivo pode apresentar, especialmente ambientes controladores. Ambientes onde os treinadores realizam comparações entre atletas ou não incentivam a autonomia podem restringir a percepção de autonomia dos atletas, reduzindo assim sua motivação. Estudos indicam que ambientes esportivos onde o técnico adota práticas de comparação entre atletas ou não promove a autonomia podem minar a motivação intrínseca dos mesmos (Reinboth, Duda; Ntoumanis, 2004; Amorose; Anderson-Butcher, 2007; Ryan; Deci, 2009; Duda, 2013; Ryan; Deci, 2017).

A competência percebida pelos atletas da nossa pesquisa foi, em sua maioria, relatada de forma positiva, com todos os atletas acreditando em sua competência para a prática esportiva. No entanto, no contexto esportivo, a percepção de competência pode ser avaliada de duas maneiras: orientação para a tarefa e orientação para o ego (Duda *et al.*, 1995).

A orientação para a tarefa está relacionada a julgamentos autorreferenciados, onde o atleta busca melhorar sua competência com base em seus próprios resultados e progressos (Duda *et al.*, 1995). Em contraste, atletas orientados ao ego buscam

aumentar sua percepção de competência através de comparações com outros atletas, evidenciando sua superioridade em relação aos demais (Duda *et al.*, 1995).

Em nossa pesquisa, os atletas não apresentaram percepções de competência orientadas ao ego. Quando questionados sobre suas motivações para praticar o atletismo paralímpico, todos expressaram que o fazem por prazer e satisfação pessoal. Ademais, Duda *et al.* (1995) identificaram que atletas com orientação para o ego tendem a ter níveis mais baixos de motivação intrínseca.

No entanto, a avaliação dos níveis de motivação com base nas orientações para a tarefa e para o ego pode ser desafiadora, uma vez que as intenções dos atletas podem evoluir ao longo de suas carreiras. Isso sugere que a análise da motivação pode ser mais efetiva quando realizada de maneira pontual, em vez de longitudinal. Apesar disso, a orientação para a tarefa oferece vantagens significativas, pois, independentemente dos resultados, o atleta continuará a buscar aprimoramento através da motivação intrínseca. Desta forma, López Walle *et al.* (2012) identificaram uma relação positiva entre a percepção de competência e níveis elevados de motivação intrínseca entre atletas de futebol. Nesse sentido, Banack, Sabiston e Bloom (2011) destacam a relevância da percepção de competência para a motivação de atletas com deficiência.

Quando questionados sobre suas relações sociais, todos os atletas relataram ter boas interações tanto no contexto esportivo quanto fora dele. Desta maneira, Ryan e Deci (2017) afirmam que ambientes que promovem boas relações entre os pares estão associados a uma melhor qualidade motivacional e uma percepção positiva de competência. Curran *et al.* (2016) corroboram essa ideia, mostrando que boas relações entre atletas estão relacionadas com percepções de bem-estar e competência. Além disso, a revisão sistemática realizada por Vasconcellos *et al.* (2020) confirmou uma relação positiva entre as três necessidades psicológicas básicas e a motivação intrínseca.

No contexto do esporte adaptado, Joung e Lee (2018) destacam a importância de satisfazer todas as três necessidades psicológicas básicas, pois isso pode não apenas aumentar a motivação, mas também melhorar a qualidade de vida das pessoas fora do contexto esportivo.

A presente pesquisa também teve como objetivo investigar as percepções dos atletas com nanismo em relação ao clima motivacional no esporte. De acordo com Duda (2013), o clima motivacional pode se manifestar de duas formas: clima empowering e clima disempowering. Ambos os tipos de clima estão associados às necessidades psicológicas básicas, motivação e bem-estar dos atletas (Balaguer; Castillo; Duda, 2008; Balaguer *et al.*, 2012; Castillo Jiménez *et al.*, 2017; Fenton *et al.*, 2017; Ruiz *et al.*, 2019).

Nossos achados estão em linha com a descrição de Duda (2013) sobre percepções positivas do clima motivacional, especificamente o clima empowering. Epiphanyo *et al.* (2018) também destacam que, no contexto do esporte adaptado, o técnico desempenha um papel crucial. Diferentemente das modalidades convencionais, o técnico em esporte adaptado deve compreender as limitações de seus atletas e buscar o melhor desempenho dentro dessas limitações. Nesse sentido, Boas (2003), Smith *et al.* (2017), Mosqueda *et al.* (2019), Gutiérrez-García *et al.* (2019) e Moreno-Luque *et al.* (2019) argumentam que o clima motivacional criado pelo treinador pode promover percepções positivas das necessidades psicológicas básicas nos atletas. Da mesma forma, Samulski e Noce (2002) e Banack, Sabiston e Bloom (2011) enfatizam que um clima positivo gerado pelo treinador no contexto adaptado pode fomentar as necessidades psicológicas básicas e aumentar os níveis de motivação intrínseca dos atletas.

Em relação à percepção de empoderamento, observamos que, segundo os atletas entrevistados, essa percepção está associada a conceitos de igualdade. Portanto, Hutzler e Bergman (2011) destacam que o esporte adaptado pode servir como uma ferramenta para capacitação pessoal, realização, reconhecimento social e superação. Destarte, Pensgaard e Sorensen (2002) também enfatizam que a sociedade desempenha um papel crucial no fomento do empoderamento de pessoas com deficiência, considerando-o um atributo fundamental para elas.

No contexto do esporte adaptado, o apoio e o incentivo de outros atletas podem ser determinantes para o rendimento e a motivação dos participantes, conforme evidenciado pelos relatos dos atletas da nossa pesquisa. A4, por exemplo, destacou que o empoderamento vem, em grande parte, do ambiente familiar. Os autores Eisenberg *et al.* (1984) explicam que os pais de pessoas com nanismo desempenham um papel crucial no desenvolvimento da competência de seus filhos. Da mesma forma, Pedrinelli *et al.* (2018) sublinham a importância da família no apoio às pessoas com deficiência. A família pode atuar como mediadora do processo de empoderamento, tanto dentro de casa quanto fora incentivando os filhos a realizarem tarefas de forma independente, dentro de suas limitações.

Os relatos de A3 sobre aprender com suas derrotas ilustram a importância das orientações e metas no contexto esportivo para o desenvolvimento do empoderamento, conforme proposto por Pensgaard e Sorensen (2002). Além disso, o comentário de A2 sobre ser conhecido como o “gigante” e o relato de A4 sobre se ver como alguém diferenciado podem estar relacionados à percepção de competência mencionada por Pensgaard e Sorensen (2002), que é crucial para o desenvolvimento do empoderamento em pessoas com deficiência.

Em resumo, os relatos dos atletas evidenciam que a motivação para a prática esportiva está fortemente ligada ao desenvolvimento do empoderamento. Os autores

Ryan e Deci (2017) destacam que a motivação intrínseca é essencial para a saúde mental e o bem-estar.

Portanto, para os atletas com nanismo envolvidos em nosso estudo, o esporte não apenas proporciona benefícios significativos, mas também estimula e reforça as condições motivacionais que, por sua vez, podem promover o desenvolvimento do empoderamento, independentemente do nível competitivo.

## 5 Conclusão

Os resultados mostraram que a percepção de autonomia, competência e boas relações sociais são fundamentais para a motivação e bem-estar dos atletas com nanismo. Por outro lado, ambientes controladores, podem reduzir a motivação intrínseca ao limitar a percepção de autonomia. Os quatro atletas relataram uma percepção positiva de competência, com uma orientação predominante para a tarefa, o que está associado a níveis mais elevados de motivação intrínseca. Além disso, os atletas relataram boas relações sociais, tanto dentro quanto fora do contexto esportivo, o que reforça a importância de um ambiente de apoio para a motivação e percepção de competência.

A percepção de empoderamento foi associada a conceitos de igualdade e ao apoio familiar, destacando o papel significativo do ambiente social no desenvolvimento da competência e motivação dos atletas. De fato, o esporte oferece benefícios significativos e fortalece as condições motivacionais que promovem o empoderamento, sugerindo a necessidade de novas pesquisas para aprofundar a compreensão desses aspectos no esporte adaptado.

## Referências

- AMOROSE, Anthony J.; ANDERSON-BUTCHER, Dawn. Autonomy-supportive coaching and self-determined motivation in high school and college athletes: A test of self-determination theory. *Psychology of sport and exercise*, v. 8, n. 5, p. 654-670, 2007.
- DE AMORIM OLIVEIRA, Gledson T.; DOS SANTOS, Petrus G. M. D.; BATISTA, Gilmário R.; SANTOS, Antônio R. R. Fatores motivacionais em paratletas com deficiência visual e motora praticantes de natação e atletismo. *Conexões*, v. 11, n. 1, p. 29-41, 2013.
- APPEL, Marli; WENDT, Guilherme Welter; DE LIMA ARGIMON, Irani Iracema. A Teoria da Autodeterminação e as influências sócio-culturais sobre a identidade. *Psicologia em Revista*, v. 16, n. 2, p. 351-369, 2010.
- BALAGUER, Isabel; CASTILLO, Isabel; DUDA, Joan L. Apoyo a la autonomía, satisfacción de las necesidades, motivación y bienestar en deportistas de competición: un análisis de la teoría de la autodeterminación. *Revista de psicología del deporte*, v. 17, n. 1, p. 123-139, 2008.

- BALAGUER, Isabel; CASTILLO, Isabel; RODENAS, Luis T.; FABRA, Priscila.; DUDA, Joan. Los entrenadores como promotores de la cohesión del equipo. *Cuadernos de psicología del deporte*, v. 15, n. 1, p. 233-242, 2015.
- BALAGUER, Isabel; GONZÁLEZ, L; FABRA, Priscila; CASTILLO, Isabel; MERCÉ, Juan; DUDA, Joan. Coaches' interpersonal style, basic psychological needs and the well-and ill-being of young soccer players: A longitudinal analysis. *Journal of sports sciences*, v. 30, n. 15, p. 1619-1629, 2012.
- BRAZUNA, Melissa Rodrigues; CASTRO, Eliane Mauerberg de. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*, v. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.
- BANACK, Hailey R.; SABISTON, Catherine M.; BLOOM, Gordon A. Coach autonomy support, basic need satisfaction, and intrinsic motivation of paralympic athletes. *Research quarterly for exercise and sport*, v. 82, n. 4, p. 722-730, 2011.
- BARDIN, Laurence. *A análise de conteúdo*. São Paulo: Almedina, 2011.
- BOAS, Marcelo da Silva Villas; BIM, Ricardo Henrique; BARIAN, Sabrina Helena Souza. Aspectos motivacionais e benefícios da prática do basquetebol sobre rodas. *J Phys Educ*, v. 14, n. 2, p. 7-11, 2003.
- CANTÚ-BERRUETO, Abril; CASTILLO, Isabel; LÓPEZ-WALLE, Jeanette; TRISTÁN, José; BALAGUER, Isabel. Estilo interpersonal del entrenador, necesidades psicológicas básicas y motivación: un estudio en futbolistas universitarios mexicanos. *Revista Iberoamericana de Psicología del ejercicio y el deporte*, v. 11, n. 2, p. 263-270, 2016.
- CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, p. 529-539, 2011.
- CASTILLO JIMENEZ, Nallely; LÓPEZ-WALLE, Jeanette; TOMÁS, Inés; BALAGUER, Isabel. Relación del clima empowering con la motivación autodeterminada a través de la satisfacción de las necesidades psicológicas básicas. *Revista de psicología del deporte*, v. 26, n. 3, p. 0033-39, 2017.
- CURRAN, Thomas; HILL, Andrew; NTOUMANIS, Nikos; HALL, Howard; JOWET, Gareth. A three-wave longitudinal test of self-determination theory's mediation model of engagement and disaffection in youth sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 38, n. 1, p. 15-29, 2016.
- DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. The general causality orientations scale: Self-determination in personality. *Journal of research in personality*, v. 19, n. 2, p. 109-134, 1985.
- DECI, Edward Louis; RYAN, Richard Michael. *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Springer, 1985b.
- DECI, Edward Louis; RYAN, Richard Michael. Conceptualizations of intrinsic motivation and self-determination. In: E. L. Deci R. M. Ryan (Eds.). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Springer, 1985c. p. 11-40.
- DECI, Edward Louis; RYAN, Richard Michael. The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological inquiry*, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2009.
- DECI, Edward Louis; RYAN, Richard Michael. Self-determination research: Reflections and future directions. In: E. L. Deci R. M. Ryan (Eds.). *Handbook of self-determination research*, University of Rochester Press, 2002. p. 431-441.

DOROGI, László; SZABO, Attila; BOGNÁR, József. Goal orientation and perceived motivational climate in hungarian athletes with physical and visual disabilities and in able-bodied athletes. *Kinesiology*, v. 40, n. 2, 2008.

DUDA, Joan L. The conceptual and empirical foundations of Empowering Coaching™: Setting the stage for the PAPA project. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, v. 11, n. 4, p. 311-318, 2013.

DUDA, Joan. L.; CHI, Li.; NEWTON, Maria. L.; WALLING, Mary. D. Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. *International journal of sport psychology*, v. 26, n. 1, p. 40-63, 1995.

EISENBERG, Nanci; ROTH, Karlsson; BRYANIARSKI, Karil; MURRAY, Edward. Sex differences in the relationship of height to children's actual and attributed social and cognitive competencies. *Sex roles*, v. 11, n. 7-8, p. 719-734, 1984.

EPIPHANIO, Erika. H.; DA SILVA, Emanuella M.; BATISTA, Roseana P. R.; DE AQUINO, Sonha M. C. O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão fenomenológica. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 7, n. 1, p. 76-91, 2018.

FENTON, Sally A. M.; DUDA, Joan L.; APPLETON, Paul R.; BARRET, Timothy. Empowering youth sport environments: Implications for daily moderate-to-vigorous physical activity and adiposity. *Journal of Sport and Health Science*, v. 6, n. 4, p. 423-433, 2017.

GUTIÉRREZ-GARCÍA, P.; LOPEZ-WALLE, Jeanette; TOMÁS, Inés; TRISTÁN, José; BALAGUER, Isabel. Relationship between empowering climate and enjoyment in baseball pitchers: the moderator role of autonomous motivation. *Cuadernos de psicología del deporte*, v. 19, n. 1, p. 166-177, 2019.

GORLA, José. I.; ARAÚJO, Paulo F.; CALEGARI, Décio R.; CARMINATO, Ricardo A.; COSTA E SILVA, Anselmo de A. A composição corporal em indivíduos com lesão medular praticantes de basquetebol em cadeira de rodas. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 11, n. 1, p. 39-44, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Simon and schuster, 2009.

HAGGER, Martin S.; CHATZISARANTIS, Nikos L. D. *Intrinsic motivation and self-determination in exercise and sport*. Human Kinetics, 2007.

HUNTER, Alan G. W.; BANKIER, Alexander; ROGERS, James G.; SILENCE, David; SCOTT JR., Charles I. Medical complications of achondroplasia: a multicentre patient review. *Journal of medical genetics*, v. 35, n. 9, p. 705-712, 1998.

HUTZTER, Yeshayahu; BAR-ELI, Michael. Psychological benefits of sports for disabled people: A review. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 3, n. 4, p. 217-228, 1993.

HUTZLER, Yeshayahu; BERGMAN, Uri. Facilitators and barriers to participation while pursuing an athletic career. *Therapeutic Recreation Journal*, v. 45, n. 1, p. 1-16, 2011.

JOUNG, Hee-Joung. Psychological Well-Being, Basic Psychological Needs, and Social Support among Korean Wheelchair Curling Players. *International Journal of Human Movement Science*, v. 12, n. 2, p. 131-143, 2018.

KIUPPIS, Florian. Inclusion in sport: disability and participation. *In: Sport and Disability*. Routledge, 2018. p. 4-21.

- LÓPEZ WALLE, Jeanette; BALAGUER, Isabel; CASTILLO, Isabel; TRISTÁN, José L. M. Autonomy support, basic psychological needs and well-being in Mexican athletes. *The Spanish journal of psychology*, v. 15, n. 3, p. 1283-1292, 2012.
- LOW, Leslie J.; KNUDSEN, Mary J.; SHERRILL, Claudine. Dwarfism: new interest area for adapted physical activity. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 13, n. 1, p. 1-15, 1996.
- MELLO, Marco T.; WINCKLER, Ciro. *Esporte paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012.
- MOURA, Diego Luz. Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, p. 341-347, 2015.
- MORENO-LUQUE, Maria; GARRIDO, Rafael E. R.; BARO, Juan P. M.; SÁNCHEZ, Verónica M.; MENDO, Antonio H. Coach interaction style, perceived motivational climate and satisfaction of basic psychological needs in young soccer players. *Cuadernos de psicología del deporte*, v. 19, n. 3, 79-89, 2019.
- MORENO, Juan A.; MARTÍNEZ, Antonio. Importancia de la Teoría de la Autodeterminación en la práctica físico-deportiva: Fundamentos e implicaciones prácticas. *Cuadernos de psicología del deporte*, v. 6, n. 2, 2006.
- MOSQUEDA, Sofia; LOPEZ-WALLE, Jeanette; GUTIÉRREZ-GARCÍA, Pablo; GARCÍA-VERAZALUCE, Juan; TRISTÁN, José. Autonomous motivation as a mediator between an empowering climate and enjoyment in male volleyball players. *Sports*, v. 7, n. 6, p. 153, 2019.
- PEDRINELLI, Verenea. J.; RODRIGUES, Graciele M.; CAMPOS, Carolina; DE ALMEIDA, Flávia R.; POLITO, Luis Felipe T.; BRANDÃO, Regina. A bioecological perspective of human development on autonomy of an athlete with intellectual disability. *Revista de psicología del deporte*, v. 27, p. 4, p. 9-14, 2018.
- PENSGAARD, Anne Marte; SORENSEN, Marit. Empowerment through the sport context: A model to guide research for individuals with disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, v. 19, n. 1, p. 48-67, 2002.
- RAPPAPORT, Julian. Terms of empowerment/exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. *American journal of community psychology*, v. 15, n. 2, p. 121-148, 1987.
- REINBOTH, Michael; DUDA, Joan L.; NTOUMANIS, Nikos. Dimensions of coaching behavior, need satisfaction, and the psychological and physical welfare of young athletes. *Motivation and emotion*, v. 28, n. 3, p. 297-313, 2004.
- RUIZ, Montse C.; ROBAZZA, Cláudio; TOLVANEN, Asko; HAAPANEN, Sara; DUDA, Joan. Coach-created motivational climate and athletes' adaptation to psychological stress: Temporal motivation-emotion interplay. *Frontiers in psychology*, v. 10, p. 617, 2019.
- RYAN, Richard. M., DECI, Edward. L. The darker and brighter sides of human existence: Basic psychological needs as a unifying concept. *Psychological inquiry*, v. 1, n. 4, p. 319-338, 2009.
- RYAN, Richard. M., DECI, Edward. L. *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*. New York: Guilford Publications, 2017.
- SAMULSKI, Dietmar. *Psicología do esporte: conceitos e novas perspectivas*. Manole, 2009.
- SAMULSKI, Dietmar., NOCE, Franco. Perfil psicológico de atletas paralímpicos brasileiros. *Revista Brasileira de Medicina do esporte*, v. 8, n. 4, p. 157-166, 2002.
- SASSAKI, Romeu. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

- SILVA, Leandro J. O relativismo cultural e o arremesso de anão. *Revista Direitos Culturais*, v. 5, n. 8, p. 203-216, 2010.
- SMITH, Nathan; QUESTED, Eleanor; APLETON, Paul R.; DUDA, Joan. Observing the coach-created motivational environment across training and competition in youth sport. *Journal of sports sciences*, v. 35, n. 2, p. 149-158, 2017.
- SHIRLEY, Eric D.; AIN, Michael C. Achondroplasia: manifestations and treatment. *JAAOS - Journal of the American Academy of Orthopaedic Surgeons*, v. 17, n. 4, p. 231-241, 2009.
- VALLERAND, Robert J. Intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity: A review and a look at the future. *Handbook of sport psychology*. 2007. p. 59-83.
- VANLANDEWIJCK, Yves; THOMPSON, Walter R. (Ed.). *The paralympic athlete: handbook of sports medicine and science*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- VASCONCELLOS, Diego; PARKER, Philip D.; HILLAND, Toni.; CINELLI, Renata; OWEN, Katherine; KAPSAL, Nathaniel.; LEE, Jane; ANTCZAK, Devan; NITOUUMANIS, Nikos; RYAN, Richard M.; LONSDALE, Chris. Self-determination theory applied to physical education: A systematic review and meta-analysis. *Journal of educational psychology*, v. 112, n. 7, p. 1444, 2020.
- WEHMEYER, Michael L.; SHOGREN, Karrie A.; LITTLE, Todd D.; LOPEZ, Shane J. (Ed.). *Development of self-determination through the life-course*. Springer, 2017.
- WINNICK, Joseph P. Educação física e esportes adaptados. In: *Educação física e esportes adaptados*. 2004. p. 552-552.

## Sobre os autores

Marcelo Villas Boas Junior  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: juniormarcelo\_10@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6357-2968>

Mateus Fabrício Pallone Manzini  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: mateusmanzini@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4996-1024>

Vania Hernandez  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: vania-hernandes@uol.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9014-497X>

Mariana de Freitas Corrêa  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: marianinha\_psico@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3826-9983>

Sérgio Henrique Braz  
Universidade Paulista (UNIP)  
e-mail: sergio.braz@docente.unip.br  
ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-1603-4256>

Daniela Lopes Angelo  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: danialoppes@yahoo.com.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6297-4968>

Ciro Winkler  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
e-mail: ciro.winckler@unifesp.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9595-8144>

Mario Reyes-Bossio  
Universidad Peruana de Ciências Aplicadas  
e-mail: mario.reyes@upc.pe  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4655-1927>

Regina Brandão  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: mrfbrandao@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9069-4672>

Graciele Massoli Rodrigues  
Universidade São Judas Tadeu  
e-mail: graciele.prof@usjt.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0275-0193>

Agradecimentos: agradecemos aos atletas por participarem e terem cedidos seus relatos para nossa pesquisa.

Recebido em: 01/08/2024  
Reformulado em: 13/10/2024  
Aceito em: 14/10/2024